

A imagem do muro: comunicação e consumo do/no espaço urbano¹²

Adriana Lima de OLIVEIRA³
PPGCOM-ESPM, SP

RESUMO

A proposta deste trabalho é articular o tema cidade com os estudos de comunicação e consumo na perspectiva de uma imagem singular: o muro. A partir da indagação: como esta imagem (construção midiática e simbólica) pode endereçar diferentes tipos de experiência com a cidade?, buscamos analisar os discursos relacionados aos textos da cultura com os contextos que lhe atribuem sentido. Para tanto, tomamos como inspiração a série do Jornal Folha de SP denominada *Um Mundo de Muros* (2017) e o pavilhão brasileiro na Bienal de Arquitetura de Veneza (2018), cujo tema foi *Muros de Ar*. Neste cenário, propomos deflagrar as condições de produção desses discursos ancorados no paradigma da mobilidade (URRY, 2010) e da sociedade de risco (BECK, 2011), enquanto conceitos férteis para pensarmos o consumo do/no espaço da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e consumo; cidade; espaço urbano; muro

INTRODUÇÃO

Na Idade Média, a muralha isolava o espaço urbano no plano material, assegurava sua defesa e permitia o controle de circulação com o exterior. Para Le Hoff (1998) há mais semelhanças entre a cidade contemporânea e a cidade medieval do que entre a cidade medieval e a cidade antiga com suas colunas e portas amplas. Ao tratar do desenvolvimento das cidades e suas rupturas urbanas, o autor consagra a substituição da *muralha* pelo *muro* e a ideia de que esse muro é tanto físico quanto virtual ou ideal.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Autorizo a avaliação e possível seleção deste artigo para publicação no e-book a ser organizado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas.

³ Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing - PPGCOM-ESPM, e-mail: publicidade.dri@gmail.com

Iniciamos nosso percurso na condição pós-moderna do século XX com a queda do muro de Berlim⁴ : *Em 9 de novembro de 1989, cidadãos das duas partes de Berlim, munidos de machados, martelos e marretas, puseram abaixo várias partes do longo muro que dividia a cidade em um gesto que clamava por liberdade e que enterrava, simbolicamente, a já agonizante Guerra Fria.*

Não obstante, essa ideia de liberdade parece agonizar nos tempos atuais. O muro emerge como estrutura de defesa, de segregação, de distanciamento; mas é também uma forma de determinação do espaço em territórios privados, face às ameaças de uma verticalização crescente do tecido social. Neste sentido, como esta imagem (construída midiática e simbolicamente) pode endereçar diferentes tipos de experiência com a cidade? Consideramos que sua legitimidade contemporânea nutre raízes no medo (BAUMAN, 2009), ou seja, o medo do *outro*, do *estrangeiro*, que encontra na cidade o espaço próprio para o seu movimento (inapreensível). Essa variável desconhecida é o que fundamenta uma gestão social contemporânea do tipo *condomínial*:

Ao entrar em um desse modernos condomínios, projetados com a mais tenra engenharia urbanística, temos o sentimento pacificador de que enfim encontramos alguma ordem e segurança. Rapidamente nos damos conta de que ali uma forma de vida na qual a precariedade, o risco e a indeterminação teriam sido abolidos. O espaço é homogêneo, conforme certas regras de estilo. Dentro dele, os lugares são bem distribuídos, as posições estão confortavelmente ocupadas. (DUNKER, 2015, p.47).

No espaço condomínial, as diferenças de classe e raça são invisibilizadas por meio de um sutil código de circulação e de convivência que separa serviços de moradores. Nas palavras de Dunker (2015) “seria preciso descobrir como foi possível inventar uma forma de vida comum sem uma verdadeira comunidade” (DUNKER, 2015, p. 50). Ulrich Beck (2011) nos ajuda a refletir sobre a passagem do século XX, no qual o elemento central para se pensar a sociedade era o *capital*; para o século XXI, em que o *medo* é, ao mesmo tempo, agente e reagente, de uma nova organização: a *sociedade de risco*⁵. Nela, o estado de exceção ameaça converter-se em normalidade e

⁴ FERNANDES, Claudio. Queda do Mundo de Berlim. História do Mundo. UOL. s/data. Disponível em: <<https://bit.ly/2JHnXeR>>. Acesso em jun/18.

⁵ Abordaremos ao longo do trabalho a questão dos riscos, mas, antes, vale salientar que, segundo o autor, não vivemos *ainda* numa sociedade de risco, mas na medida em que essa transição se consuma, chega-se então a uma transformação social que se distancia das categorias e trajetórias de pensamento e ação (BECK, 2011, p. 25). Os riscos diferenciam-se fundamentalmente por conta da *globalização* de seu alcance (ser humano, fauna e flora) e de suas causas modernas. São frutos do progresso e agravados com seu desenvolvimento ulterior.

a sua gestão estabelece muros, fronteiras, marcas que fixam um lugar dentro e um lugar fora, zonas de passagem e zonas de interdição.

Essas transformações estruturam geografias específicas, como centro e periferia, primeiro e terceiro mundos, o eu e o outro. Na lógica de Bauman (2009) a solidariedade empresarial, sindical e profissional que deitou raízes e floresceu de modo espontâneo no ambiente relativamente estável da fábrica fordista, deu lugar a um individualismo configurado a partir da redução do controle estatal (desregulamentação). Quando a solidariedade é substituída pela competição, o aspecto mais assustador é o da inadequação. Então, como sobreviver em um cenário no qual a exclusão (econômica, social e política) nos parece ser uma via de mão única? Talvez pudéssemos falar de mobilidade vs imobilidade (URRY, 2010), uma vez que as pessoas consideradas úteis e produtivas da sociedade têm seus interesses fundados nos fluxos do espaço global, enquanto os indivíduos que não desempenham alguma das funções reconhecidas, aprovadas e úteis permanecem, de certo modo, presos *em terra*. Daí o paradoxo de políticas locais num mundo estruturado por processos globais.

É precisamente neste contexto que o espaço urbano emerge como produtor privilegiado de mais valia (lucro) e a cidade converte-se em rede, criando uma ideia de dependência e interação em escala global. Mas qual a relação de forças coercitivas aplicadas à cidade que limitam as possibilidades de ação, cuja lógica são legitimadas em escala local? E, ainda, se a circulação do capital implica também maior movimentação espacial, o muro não estaria na contramão dessa lógica capitalista contemporânea?

A resposta não está no muro, mas no que está de um lado, de outro e para além dele. Quando decidimos pela imagem do *muro* como metáfora para a configuração da comunicação e do consumo do sujeito da/na cidade, tomamos como princípio ordenador as questões relacionadas à condição pós-moderna de um capitalismo sob dominância financeira e o predomínio da especulação (imobiliária) para a acumulação do capital. Este cenário aponta o muro como arquitetura privilegiada para pensarmos os limites da propriedade privada, em um dos lados deste muro [eu/nós]; e das possibilidades no espaço público, de outro [eles]. E, ainda, ponderarmos a existência de um *além muro*, mais do que um *entre muros*.

A METÁFORA DO MURO

Ao iniciarmos o texto com a imagem da queda de um muro tão significativo quanto o de Berlim, a liberdade projetada nas ruas, parece, deu lugar a outros muros, caracterizados em uma lógica privada que é a do condomínio. Neste contexto, a produção capitalista do espaço deflagra novas formas de subjetividade em que a lógica do condomínio é a face familiar, privada e íntima do processo produtivo. "Um lugar fortemente delimitado (muros) no qual a representação é substituída pela administração funcional (síndico) que cria uma rígida lei própria (regulamentos) conferindo suplemento de identidade moral a seus habitantes" (DUNKER, 2015, p. 58).

Do outro lado do muro, a favela, a pobreza, espaços periféricos. O muro como enclave fortificado contra a pobreza, aproxima-se do que Milton Santos (2000) chamou de *pobreza incluída*, sinal de uma nova interpretação sobre a diferença social e a desigualdade. Deste modo, a identidade estrutural que une condomínios de luxo, prisões e favelas aparecem como ressentimento social. Isso nos dá uma pista de como essa imagem (construção midiática e simbólica) pode endereçar diferentes tipos de experiência com a cidade. Se por um lado, a globalização e a tecnologia configuram um mundo sem fronteiras, medidas ou limites; por outro, a relação perceptiva entre o nosso corpo e o ambiente construído revela a complexidade da cidade contemporânea, atravessada por fluxos heterogêneos e informais. A cidade organizada e ordenada do progresso dá lugar a um organismo turbulento constituído de enclaves modernizados rodeados por massas informes de ocupações transitórias e clandestinas (WISNIK, MARIUTTI, 2018).

Se o neoliberalismo prospera precisamente incorporando domínios da vida cada vez mais variados⁶, o *muro* apresenta-se como contraponto dessa narrativa neoliberal globalizada: sem barreiras e inclusivo. Nada mais falacioso para refletir sobre a cidade e a vida urbana, bem como seus conflitos e insurgências.

⁶ Pelbart (2013) argumenta que o capitalismo encontrou dois enclaves importantes: a natureza e o inconsciente. O domínio produtivo da subjetividade passa pela produção de uma existência organizada "de fora".

Não foi por acaso que nos deparamos com o *muro*: depois das *Jornadas de Junho* de 2013, que se tornariam naquele momento, a maior série de manifestações de rua desde o movimento pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor⁷; outro movimento emblemático é articulado só que não mais na rua, mas no espaço privado do *shopping center*, trata-se do *Rolezinho*⁸, como ficou conhecido o encontro de jovens da periferia em *shoppings* da capital paulista. Dois anos depois, em 2015, a Boitempo Editorial lança o livro "*Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre Muros*"⁹, do psicanalista Christian I. L. Dunker. Neste período, a mesma editora Boitempo, em parceria com o Sesc SP, promove o Seminário Internacional *Cidades Rebeldes*¹⁰, com a presença do geógrafo David Harvey, professor emérito da Universidade da Cidade de Nova York (EUA). O tema cidade toma vulto, e as discussões sobre o direito à cidade são expressas na oposição público vs privado do espaço urbano. Por fim, em 2016, a realização do evento *Mega Rolezinho*, o retorno ao Shopping Itaquera (3 anos)¹¹, foi proibido pelo juiz da 4a. Vara Cível de Itaquera, Carlos Alexandre Bottecher, alegando que as medidas foram tomadas para manter a segurança e o bem-estar de todos os clientes, lojistas e colaboradores. No mesmo período, a Gafisa, uma das maiores construtoras e incorporadoras do mercado imobiliário brasileiro, lança uma série de filmes que foram veiculados em salas de cinema e pelo seu canal no Youtube chamado *Cidade-se*¹², cujo foco, segundo seus organizadores, era mostrar uma nova forma de viver e se relacionar com a cidade.

⁷ CHARLEAUX, J. P. O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram. Nexo. 17/06/17. Disponível em: <<https://bit.ly/2NvMuC2>>. Acesso em jun/2019.

⁸ G1. Conheça a história dos rolezinhos em São Paulo. 14.01.2014. G1 São Paulo. Disponível em: <<https://glo.bo/1eFwEyU>>. Acesso em jun/2019.

⁹ Blog da Boitempo Editorial. Lançamento Boitempo: Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros de Christian Dunker. 16/04/2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2IZvSCR>>. Acesso em: jun/2019.

¹⁰ Revista Sesc E-Online. Seminário discute o presente e o futuro das cidades. 08/06/2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2XA1x5L>>. Acesso em jun/19.

¹¹ G1. Juiz proíbe rolezinho e shopping controla acesso em SP. 26/11/2016. G1 São Paulo. Disponível em: <<https://glo.bo/2ZW0CtM>>. Acesso em jun/19.

¹² Canal Gafisa Youtube. Disponível em: <<https://bit.ly/2IWSOCw>>. Acesso em jun/2018.

Diante da emergência da cidade, consideramos as condições de produção e queda de muros a partir de um discurso que naturaliza as diferenças ao mesmo tempo que promove um certo tipo de inclusão pela via do consumo. O espírito de inclusão e participação que permeia esta narrativa do mercado imobiliário não é o mesmo que bloqueou a entrada de jovens periféricos no interior do espaço privado do *shopping*. Da mesma forma, a convocação para engajar-se em uma cidade aberta, coletiva e plural apresentada na série *Cidade-se* (Gafisa), contrasta com a *Cidade Rebelde* nomeada por David Harvey como o reflexo das manifestações sociais urbanas. E, aqui, vale ressaltar a importância que essa ideia de participação do cidadão consumidor tem inspirado muitas pessoas a buscar algum tipo de resposta em um capitalismo internacional brutalmente neoliberalizante, que intensificou suas práticas, incorporando-as ao cotidiano desde os primeiros anos da década de 1990 (HARVEY, 2014, p. 14).

As cidades, portanto, apresentam-se como pontos de apoio normativos tanto para um Estado empreendedor calcado nos princípios da gestão empresarial quanto para essas novas organizações sociais urbanas que tomam as ruas e os espaços insurgentes. E como podemos identificar esse engajamento do sujeito para o consumo da/cidade?

Buscamos algumas pistas nos objetos que trouxemos para análise neste trabalho, nomeadamente a reportagem da Folha de SP (2017) - *Um mundo de muros: as barreiras que nos dividem* -; e a exposição brasileira no Pavilhão da Bienal de Arquitetura (2018), intitulada *Muros de ar*.

DO LADO DE CÁ DO MURO

Começamos pela reportagem do Jornal Folha de SP (2017) - *Um Mundo de Muros: as barreiras que nos dividem*¹³ - e observamos que um mundo cada vez mais interconectado tem erguido muros e cercas para bloquear aqueles que considera indesejáveis. Segundo a reportagem, das 17 barreiras físicas existentes em 2011 passamos para 70 nos dias atuais. Foram quatro continentes visitados pela reportagem e seis muros diferentes, incluindo um construído aqui no Brasil. Os mais antigos

¹³ Reportagem Especial - Folha de SP - Um Mundo de Muros. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQvsjT>>. Acesso em jun/19.



mencionados pela reportagem encontram-se no Continente Americano: o primeiro é o do Peru, conhecido como o *Muro da Vergonha*, erguido em meados dos anos 1980 com a função de separar mestiços e gringos em Lima¹⁴; e o segundo, um dos mais emblemáticos, nomeado *Porta da Esperança* pelos mexicanos, é o dos EUA. A barreira que começou a ser construída nos anos 90, encobre o debate migratório e a segregação. Embora o atual presidente norte-americano, Donald Trump, tenha retomado a questão do muro, os mexicanos convivem há décadas com as barreiras deixadas por Barack Obama, George W. Bush e Bill Clinton. Hoje já concentra mais de 1.0000 km construídos face aos 2.300 km de fronteira entre os dois países.

A separação física com o vizinho mais pobre tem sido uma ampla política de Estado em vários países. Na Sérvia, por exemplo, duas cercas paralelas, de quatro metros de altura, estendem-se ao longo dos 175 quilômetros de fronteira com a Hungria para impedir a entrada de refugiados e migrantes. A primeira é uma cerca simples de arame farpado, construída em setembro de 2015. A segunda, uma barreira de alta tecnologia que ficou pronta em março de 2017. É equipada com sensores elétricos que dão choques leves em quem tenta passar e avisam aos guardas a localização exata do intruso. Apesar de toda a tecnologia, milhares de sírios, afegãos, paquistaneses e iraquianos não desistem da tentativa de cruzar ilegalmente a fronteira em busca de uma vida melhor na União Europeia.

A mensagem do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán explicita o que Castells (2018) chamou de *ruptura*¹⁵, ou seja, um colapso gradual de um modelo político de representação e governança, que deu lugar à produção de uma verdadeira reviravolta em favor de partidos nacionalistas, xenófobos e autoritários: *Todos querem o estilo de vida*

¹⁴ Em 1961, 17% da população vivia em favelas limenhas. No censo mais recente de 2007, esse número chegou a 4,1 milhões, o equivalente a 40% da população, segundo dados coletados pelo sociólogo Julio Calderón no livro “La Ciudad Ilegal”.

¹⁵ Para Castells (2018), a ruptura tem seu início com a crise econômica de 2008-10 e desagua na crise da democracia em que as condições latentes na economia e na sociedade foram transformadas pela globalização, pela resistência identitária e pela dissociação entre Estado e ação. Ainda que sua realidade seja a dos EUA e da Europa, nos ajuda a pensar que na raiz dessa crise de legitimidade política está a crise financeira, transformada em crise econômica e desemprego (CASTELLS, 2008, p. 20).

*européu, e as fronteiras abertas passam a mensagem de que é isso possível; a Europa não pode assumir a responsabilidade por todos*¹⁶.

No entanto, outro elemento avança com a ideia de imigração, o terrorismo. Essa é a justificativa para a construção de uma cerca entre dois dos países mais pobres do mundo - Quênia e Somália - para tentar frear o terrorismo. O objetivo do governo queniano de frear atentados terroristas da milícia islâmica somali Al Shabaab, barra (também) famílias assombradas pela seca, fome, doenças e um Estado falido¹⁷. Podemos ter uma dimensão desses entraves com a dificuldade da maioria das crianças somalis que estudam no Quênia - não há muitas escolas funcionando na Somália - e que antes, apenas cruzavam a fronteira; agora, precisam andar 12 quilômetros na ida e 12 volta para contornar a cerca e chegar à escola.

Outro exemplo emblemático é o que divide israelenses e palestinos. Em um conflito ancestral, o muro erguido por Israel desde 2002 para se separar dos territórios palestinos da Cisjordânia, tem 570 quilômetros prontos dos 764 planejados. O israelense, Amer, em uma fala apresentada à reportagem, resume bem essa questão de segurança e o que ela pode significar: *O que garante a segurança é a justiça. Quando você distingue dois irmãos, não tem segurança. Imagina entre dois povos*¹⁸. Não é errado, do ponto de vista legal, que um país construa muros em seus limites. Mas no caso de Israel, a divisão com os territórios palestinos não é uma fronteira convencional, porque, afinal, não existe um Estado palestino.

Mas não precisamos ir muito longe para verificar essa distinção e a construção de fronteiras (invisíveis) e muros (visíveis) em nome da segurança: no Brasil, o muro de 3 metros de altura, 25 centímetros de espessura e 1 quilômetro de extensão, construído pela Ecovias em maio de 2016, separa turistas - na maioria deles paulistas de classe média que descem para o litoral pela Imigrantes¹⁹ - dos cerca de 25 mil habitantes da

¹⁶ MELLO, P. C.; ALMEIDA, A. Reportagem Especial - Folha de SP - Um Mundo de Muros. Enviados especiais a Sérvia e a Hungria 07.08.2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQvsjT>>. Acesso em jun/19.

¹⁷ MELLO, P. C.; ALMEIDA, A. Reportagem Especial - Folha de SP - Um Mundo de Muros. Enviados especiais a Bandeira e Dadaab, Quênia 10.06.2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQvsjT>>. Acesso em jun/19.

¹⁸ BERCITO, D. ALMEIDA, A. Reportagem Especial - Folha de SP - Um Mundo de Muros. Enviados especiais a Israel e Cisjordânia 04.09.2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQvsjT>>. Acesso em jun/19.

¹⁹ Ecovias. Disponível em <<https://www.ecovias.com.br>>. Acesso em jun/19.



Vila Esperança, *favela onde 12% da população não têm nenhuma renda, 14% ganham até um salário mínimo, e todos despejam seu esgoto no rio que desagua nas praias*²⁰ (as mesmas frequentadas pelos turistas). Segundo uma motorista que viaja duas vezes na semana de Santos para São Paulo, *não faço a menor ideia do que tem atrás desse muro (...) só sei que duas amigas minhas foram assaltadas aí*. Conforme esclarece a Ecovias, o objetivo do muro é *melhorar as condições de segurança pública da rodovia*²¹. É paradoxal perceber que a Vila Esperança nasceu em 1972 juntamente com a construção da rodovia dos Imigrantes. Aliás, o próprio nome Imigrantes²² é revelador, pois está associado a imigração europeia que desbravou a serra paulistana rumo ao planalto. Não muito diferente dos europeus, os operários brasileiros que trabalhavam nas obras da estrada, migrantes de diferentes cantos do país, construíram seus barracos ou palafitas à beira da estrada que lhes serviam de moradia. Nos anos 90, com a crise econômica, a população da favela explodiu porque muita gente no polo industrial perdeu o emprego e acabou na invasão.

Interessante notar o quanto o lado privado do muro, ou seja, aquele no qual o direito à propriedade e o controle sobre o excedente do capital estão garantidos por leis e instituições, opera em uma lógica ambígua de direitos e responsabilidades. A Ecovias diz que sua responsabilidade se limita à ampliação, conservação, manutenção e operação das rodovias. Os assuntos relacionados à comunidade são de responsabilidade do poder público. Nestas circunstâncias, conforme propõe Harvey (2014), o direito à cidade encontra-se muito mais estreitamente confinado, na maior parte dos casos, nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condições de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos (HARVEY, 2014, p. 63).

A equação contemporânea que posiciona o mercado como sinônimo de democracia é a mesma que projeta no cidadão o consumidor potencial e lhe confere a

²⁰ Reportagem Especial - Folha de SP - Um Mundo de Muros. 24.07.2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQvsjT>>. Acesso em jun/19.

²¹ idem.

²² O mural da Rodovia dos Imigrantes, inaugurado em 28 de junho de 1976. São Paulo Antiga. Disponível em: <<https://bit.ly/2LuK2xm>>. Acesso em: jun/19.



experiência da liberdade de escolha. Mas para que não sobre dúvidas, a escolha só pode ser efetuada nos limites do já dado, daquilo que já foi determinado ou prescrito. No caso da Vila Esperança, para a maioria da população que não tem nenhuma esperança de sair da vila, o muro não faz diferença.

Contudo, antes de olharmos o outro lado do muro, conjecturamos, na esteira de Bauman (2009), que as cidades são ao mesmo tempo, depósitos onde se descarregam os problemas criados e não resolvidos; e também o seu inverso, ou seja, as cidades são laboratórios nos quais se descobrem, experimentam e aprendem as soluções para os problemas globais. Neste sentido, a cidade e o processo urbano são importantes esferas de luta política, social e de classe. Observando o muro de fora para dentro, vemos uma diversidade de experiências de fronteira em que o paradigma da *igualdade* (material e de oportunidade) passa a ser o da *segurança* e esse novo arranjo social torna-se uma força política.

DO LADO DE LÁ DO MURO

Como vimos, os impactos profundos ocasionados pela privatização, cercamentos, controles espaciais, policiamento e vigilância na qualidade de vida urbana em geral, refletem a perda da comunicabilidade urbana²³. Por isso, o outro lado do muro causa medo e angústia. O *outro* que preenche o imaginário urbano é sempre o que está fora da racionalidade totalitária, proliferando os irregulares, os ilegais e os informais (SANTOS, 2000). Para dar conta desse contexto complexo, a figura do síndico e do muro despontam como sinônimos de sanções, proibições e prescrições. A compulsão legislativa, característica da gestão condominial, fixa, como vimos, o lugar de dentro e o lugar de fora, as zonas de passagem e as zonas de interdição.

Não obstante, Harvey (2014) fala da criação de bens comuns urbanos como ponto de partida para a crítica anticapitalista e a militância política. Embora essa reflexão sobre o *comum* tenha ganhado fôlego nos últimos tempos²⁴, ela acaba sempre

²³ Harvey (2014) fala em *comunalidade urbana* que trata do que ele expressa como produção do *comum*. Eu preferi usar o termo *comunicabilidade* de forma a tornar mais abrangente a discussão.

²⁴ Uma artigo interessante de Christophe Aguiton escrito para a revista Outras Palavras traz como título Comuns, a nova fronteira da luta anticapitalista e traz um panorama atualizado sobre o que são os comuns e os autores que tratam do tema. O texto faz parte do livro Alternativas Sistemáticas, organizado por Pablo Solón e publicado pela Editora Elefante. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ludl6>>. Acesso em ju/19.



polarizada, entre soluções de propriedade privada de um lado e de intervenção estatal autoritária, do outro (HARVEY, 2014, p. 136). A escolha dicotômica entre Estado e mercado implica formas de organização por subordinação, principalmente quando tratamos dos problemas em grande escala. Nesta reflexão, interessa-nos a distinção importante entre os espaços públicos e os espaços comuns. Os primeiros sempre foram uma questão de poder de Estado e de administração pública e não constituem, conforme assevera Harvey (2014), um comum. "Com que frequência os projetos de desenvolvimento são subsidiados pelo Estado em nome do interesse comum quando, na verdade, os verdadeiros beneficiários são alguns proprietários de terras, financistas e empreiteiras?" (HARVEY, 2014, 154). Entretanto, não podemos perder de vista que para proteger o comum é crucial proteger o fluxo de bens públicos.

Para dar contorno a essa ideia, trouxemos a participação brasileira na 16ª. Exposição Internacional de Arquitetura em Veneza (2018) em que a metáfora do *muro* se consagra como elemento singular para refletir sobre os espaços urbanos nos quais as correntes de mudança social e política sobem à superfície. Intitulado *Muros de Ar*²⁵, o pavilhão Brasil recebeu 17 projetos de diferentes regiões do país, selecionados a partir de uma chamada aberta, além de uma série de grandes desenhos cartográficos que abordaram diferentes aspectos da urbanização do país através das lentes da arquitetura. Com duas frentes expográficas, a mostra teve como objetivo, conforme apresentado por seus curadores, *investigar o muro como um elemento da arquitetura, da cultura e da identidade brasileira, e vê no ato de sua transposição o convite ao convívio e à multiplicidade*.

Claro está que as disciplinas de arquitetura e urbanismo estão mergulhadas na discussão sobre a cidade e, mais do que outras, enfrentem o debate acerca das transformações territoriais do país em diferentes escalas. Isso é notado em diversas propostas como o da 11ª. Bienal de Arquitetura de São Paulo²⁶ que, em conformidade com o pavilhão brasileiro na mostra de Veneza, apresentou à época um projeto coletivo e colaborativo de cidade.

²⁵ BARATTO, R. Muros de Ar: curadores apresentam o pavilhão do Brasil na Bienal de Veneza 2018. Archdaily. 29/05/18. Disponível em: <<https://bit.ly/2Nq1cyw>>. Acesso em jun/19.

²⁶ BARATTO, R. A 11ª Bienal de Arquitetura de São Paulo está aberta: visite as exposições. Archdaily. 08.11.17. Disponível em <<https://bit.ly/2FJ8DuE>>. Acesso em: jun/19.

A mostra trouxe como tema e mote *Em projeto* e buscou aproximar a arquitetura de outras formas de coprodução urbana. Interessante notar como a *cidade por projeto* descrita por Boltanski e Chiapello (2009) se encaixa nesta perspectiva coletiva na qual todos se comunicam com todos dentro de um mesmo conjunto, os conhecimentos são comungados e as informações, compartilhadas, o que tende a limitar o desenvolvimento das assimetrias.

Essa cidade baseia-se na atividade de medição posta em prática na formação das redes, de tal modo que ela seja dotada de valor próprio, independente dos objetivos buscados das propriedades substanciais das entidades entre as quais a medição se efetua. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p.138).

Assim, é esse novo sistema de valor (o projeto), no qual as pessoas poderão apoiar-se para fazer julgamento, distinguir entre comportamentos adequados e outros que levam à exclusão, que dá fundamento à exigência de ampliar a rede, favorecendo conexões. "Ao se descrever toda e qualquer realização com uma gramática nominal, que é a gramática do projeto, apagam-se as diferenças entre projeto capitalista e uma realização banal" (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009, p. 143). Mascaram-se o capitalismo e a crítica capitalista. E as subjetividades quânticas, ondulatórias e polifônicas, como assevera Pelbart (2012), estão prontas para o *ensaio*, ou, se preferir, *em projeto*.

Entendendo que instâncias econômica e políticas são, ao mesmo tempo, fatores de regulação e de comando da economia, da sociedade e do território, a possível contradição entre o público e o mercantil acaba sendo reduzida a dimensões menores. (SANTOS, 1990). A racionalidade hegemônica deixa apenas uma pequena margem à variedade, à criatividade, à diversidade. Mas esta brecha é o que caracteriza o dinamismo do capital e suas contradições: dissidentes e descontentes produtores de cultura podem fazer deste um campo fértil para a expressão crítica e a agitação política visando à produção de novos tipos *comuns*.

A rua, que leva ao muro, é apropriada por diferentes manifestações e temporalidades: o relógio universal que racionaliza e homogeniza o interesse privado, concentrado em um pequeno número de agentes, contrapõe-se à vida cotidiana, com suas outras formas de racionalidade divergente, a qual múltiplos interesses representam agentes diversos. E é no espaço do cotidiano que vislumbramos para *além dos muros*.

PARA ALÉM DOS MUROS

O cotidiano também expressa um lugar e por esse motivo vale retomar a questão da produção capitalista do espaço para atentar quanto às formas de rentabilidade que um território e as pessoas que o ocupam podem gerar a partir de uma produção considerada qualificada. A marca cidade, por conseguinte, transforma-se em um grande negócio. A cosmopolitização das experiências e expectativas amplia o consumo e requer mobilidade possível para consumir. Por isso, valores de autenticidade, singularidade e qualidades particulares irreproduzíveis são marcadores distintivos, utilizados na formatação desses espaços e lhes confere uma posição favorável em um mundo altamente competitivo. Contudo, traz em seu rastro todas as questões locais e seus conflitos. Neste sentido, são os *comuns*, ou seja, aquilo que está no cotidiano da vida nos espaços urbanos que são apropriados. E é justamente a natureza seletiva de tais apropriações que pode gerar novas vias de lutas políticas (HARVEY, 2014, p. 197).

Aqui chegamos a um ponto interessante: a lógica do capitalismo contemporâneo que opera no coração da subjetividade, também produz espaços de resistência nos quais os movimentos de oposição podem se formar. Desse modo, podemos concluir que os espaços para uma política transformadora continuam a existir porque o capital não pode se dar ao luxo de fechá-los. Embora a promessa de segurança, combate ao terrorismo e contenção das migrações avancem com os riscos (BECK, 2011), ou seja, a produção social da riqueza é acompanhada sistematicamente pela produção de riscos, a mobilidade dos sujeitos desafia a ciência social em conseguir examinar as condições que melhoram a mobilidade de uns, ao mesmo tempo que aumentam a imobilidade de outros, especialmente quando eles tentam ultrapassar as fronteiras (URRY, 2006).

Ao refletirmos sobre as narrativas extraídas dos textos da cultura que versam sobre a cidade e seus limites, identificados neste trabalho com a imagem do muro, e que provocam e convocam para uma experiência renovada de consumo com/no espaço urbano, podemos inferir que: (1) a cidade e seus espaços urbanos possuem temporalidades distintas e por isso, modos de viver e ver o mundo tão distintos quanto; (2) a apropriação dos espaços urbanos da cidade também se manifestam de forma diferente entre os que são visíveis e, portanto, possuem direitos garantidos e aqueles que são invisibilizados no território e, com isso, são desprovidos de direitos e quaisquer



outras garantias; (3) a dicotomia Estado e mercado não pode ser levada em conta quando falamos de cidade e espaço urbano pois cada um determina, conforme as institucionalidades pertinentes a região, a posse e os usos do território; e, finalmente, (4) a cidade consumida entre muros evidencia as distâncias entre centro e periferia, rico e pobre, inclusão e exclusão.

Embora o capitalismo contemporâneo do tipo neoliberal promova uma inclusão indistinta, uma vez que toda potência de vida pode ser qualificada para a produção, isso não significa acessos iguais a todos os recursos disponíveis. Embora a cidade seja a mesma, a apropriação diferenciada dos espaços cria uma lógica própria e determina os locais e os sujeitos que lá deverão permanecer. Deste modo, a metáfora do *muro* pode sim endereçar diferenças de consumo e experiência com e na cidade. De um lado, a lógica do condomínio em espaços privados garante uma cidadania baseada em direito de propriedade; de outro, a apropriação do espaço público torna indistinto o sujeito e, por conseguinte, sua experiência de consumo. Mas é no espaço cotidiano que os muros se tornam rarefeitos e a potência da vida qualifica e torna a cidade o lugar do possível.

As condições de produção desses discursos, embora tenha a mobilidade e os riscos como paradigmas que podem ser utilizados de forma transversal para a análise das alterações do território e das subjetividades emergentes, trazem um complicador quando pensados em um contexto como o do sul global comparado ao nível de desenvolvimento e as diferenças de classe das sociedades americanas e europeias. Neste sentido, conforme vimos no decorrer do texto, embora os problemas sejam atravessados por formas globais de produção, eles são resolvidos localmente e exigem um olhar além dos muros, mais do que contemporizar um entre muros.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra publicidade**. São Paulo, Editora 34, 2011. 2a. ed.
- _____. **Metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CASTELLS, M. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. 1a. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2018.



- DUNKER, Christian I. L. **Mal-estar, sofrimento e sintoma**: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2015.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- _____. **O enigma do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. **Cidades Rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.
- JACQUES, Le Goff. **Por amor às cidades**. São Paulo: Unesp, 1998.
- PELBART, Peter. **A vertigem por um fio**. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- _____. **Vida Capital**. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Edusp, 2012.
- _____. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SENNET, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ORGANIZAÇÃO BIENAL. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/4933>. Acesso em: jun/2018.
- SEMINÁRIO INTERNACIONAL CIDADES REBELDES. SescSP e Boitempo Editorial. 9 a 12 de junho de 2015. Disponível em: < <https://cidadesrebeldes2015.wordpress.com/sobre/> >. Acesso em jun/2018.
- URRY, J. **Mobilities**. UK, Polity Press, 2010 © 2007.
- URRY, J. SHELLER, M. **The new mobilities paradigm**. Environment and Planning A 2006, v. 38, pp. 207-226.
- WISNIK, G; MARIUTTI, J. **Espaço em obra**: cidade, arte, arquitetura. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.